Jornal dos
CRIADORES

ÓRGÃO INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES - ANO III - Nº 12 - DEZEMBRO 2001

ABC dos criadores

Em seus 75 anos de existência, que se completam no dia 20 de dezembro de 2001, a Associação Brasileira de Criadores não apenas ajudou a escrever a história da pecuária nacional. Mais que isso, ela participou ativamente da construção, aperfeiçoamento e consolidação do que é hoje o maior rebanho comercial do mundo.

(págs. 2 a 6)

Associação Brasileira de Criadores
Av. José César de Oliveira, 181
11º andar - Vila Leopoldina
CEP 05317-000 - São Paulo-SP
Fone: (11) 3832.9369
Fax: (11) 3831.2731
E-mail: abc@abccriadores.com.br
www.abccriadores.com.br

Diretoria
Presidente: Luis Alberto Moreira Ferreira
Vice-Presidentes: Rubens Malta de Souza Campos Filho, Ney Soares Piegas, Luiz Rondon Teixeira de Magalhães, Isabel Sampaio Moreira Piegas, Eduardo Dias Roxo Nobre
Secretários: Jair Martinelli, Eugênio Salgueiro Gomes
Tesoureiros: Rubens Malta de Souza Campos Filho, Ney Soares Piegas

Conselho Deliberativo
Presidente: José Cassiano Gomes dos Reis Júnior
Vice-presidente: Carlos Eduardo Duprat
Conselheiros Natos: José Bonifácio Coutinho Nogueira, Joaquim Barros de Alcântara Filho, Manoel Elpídio Pereira de Queiroz Filho, Guilherme Monteiro Junqueira, José Cassiano Gomes dos Reis Júnior
Conselheiros Efetivos: Nelson Luiz Baeta Neves, Luis Alberto Moreira Ferreira, Rubens Malta de Souza Campos Filho, Eduardo Dias Roxo Nobre, Isabel Sampaio Moreira Piegas, Silvio Maria Crespi, Carlos Eduardo Duprat, Edgardo Héctor Pérez, Jair Martinelli, Virgilio de Almeida Pena
Conselheiros Suplentes: Ney Soares Piegas, José Calil, Henrique de Souza Dias, Mauricio Lima Verde Guimarães, Cesário Ramalho da Silva, Lincoln dos Santos Correia, Luiz Rondon Teixeira de Magalhães, Eugênio Salgueiro Gomes, José Amauri Dimarzio, Sven Hermann Von Ungern Sternberg, Antonio João de Camargo Júnior, Milton Saad, José Matheus Granado

Conselho Fiscal
Efetivos: Edgardo Héctor Pérez, João Luiz de Freitas Brito, Licinio dos Santos Silva Filho
Suplentes: Maria Eugênia da Silva Telles, Milton Saad, Theodoro Quartim Barbosa Netto

Associação Brasileira de Criadores (ex-Associação Paulista dos Criadores de Bovinos), reconhecida como utilidade pública pelo Decreto Estadual nº 33.811, de 20 de outubro de 1958. Registrada no Ministério da Agricultura sob nº35, como jurisdição nacional.

Comunicação do Brasil

O Jornal dos Criadores é editado pela CP Comunicação do Brasil SC Ltda - Rua Jericó, 255 - 8º andar - Cj. 81/83 - Vila Madalena - São Paulo-SP

Edição: José Roberto Ferreira
Reportagem: Milena Tutumi
Projeto Gráfico: A. C. Prado

Editorial

Uma data inesquecível!

Este é um jornal festivo, inesquecível para a história da ABC.

Ao completarmos 75 anos de fundação, temos que nos sentir orgulhosos. Afinal, a ABC conseguiu se incluir nas páginas da história da agropecuária brasileira.

Ilustres brasileiros por aqui passaram . Outros aqui estão e todos, sem exceção, fazem parte dessa história.

Em nome desta Diretoria, queremos agradecer a todos aqueles que por 75 anos lutaram para que a ABC se tornasse uma entidade digna, atuante e representativa, orgulho da agropecuária do Brasil.

Um brinde aos 75 anos de história!

Luis Alberto Morira Ferreira
Presidente da Diretoria

Cumprimentos à ABC

Arquivo

"Nestes 75 anos da ABC, o Brasil conseguiu se transformar no maior rebanho bovino comercial, no segundo maior produtor mundial de carne bovina e no terceiro maior exportador de carne bovina. Presto minhas homenagens à história da Associação que teve, indubitavelmente, atuação preponderante em todo o processo de desenvolvimento da agropecuária brasileira."
João Carlos de Souza Meirelles, *Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo*

"75 anos da ABC são motivo de grande orgulho para a pecuária nacional. São 75 anos de lutas, dificuldades e resultados. A classe dos pecuaristas muito deve e também muito espera da ABC".
Luiz Marcos Suplicy Hafers, *Presidente da Sociedade Rural Brasileira*

Arquivo

"A ABC é um marco na história do associativismo rural do Brasil. São muitos os seus pioneirismos, devendo ser destacados os serviços de controle leiteiro, de registro genealógico e de desenvolvimento ponderal. Eles foram a base da modernização da pecuária leiteira nacional."
Jorge Rubez, *Presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Leite - Leite Brasil*

"Parabenizo a Associação Brasileira dos Criadores pelos 75 anos de atividades na prestação de relevantes serviços na defesa dos criadores, particularmente da raça bovina, e por ter prestado a melhor contribuição divulgando os assuntos da classe através da magnífica Revista dos Criadores".
Fábio de Salles Meirelles *Presidente da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo*

Arquivo

Parabéns à ABC, uma entidade veterana com espírito jovem e renovador, comportando-se de acordo com o melhor padrão da modernidade: os pés no chão brasileiro e a cabeça globalizada.
Roberto Rodrigues, *Presidente da Associação Brasileira de Agribusiness*

"O SINDAN tem razões de sobra para prestigiar a ABC, entidade que sempre esteve comprometida e lutou em favor da defesa da sanidade dos rebanhos."
Nelson Antunes, *Presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal*

"É fato inegável o papel de destaque que a ABC desempenha na cadeia produtiva bovina, assim sendo só nos resta a honra de parabenizar esta entidade pela longevidade de seus 75 anos"
Manuel Henrique Farias Ramos, *Presidente do Conselho Nacional da Pecuária de Corte*

ABC na luta

Aos 75 anos, a Associação Brasileira de Criadores revitaliza suas estruturas e renova seus compromissos para continuar lutando pela valorização da pecuária brasileira. Essa é a disposição da diretoria da entidade, expressa pelo seu presidente Luis Alberto Moreira Ferreira.

Miguel Ângelo

Luis Alberto: satisfeito com o carne, preocupado com o leite.

Quando surgiu, em 1926, a ABC era uma entre poucas entidades do setor pecuário; com o decorrer do tempo surgiram as associações que representam as várias raças bovinas. Como a ABC, hoje, se insere nesse contexto associativo da pecuária?
O surgimento das associações teve e tem, entre outros, um aspecto altamente positivo, que é a melhoria das raças bovinas criadas no Brasil. Muito da qualidade da carne e do leite brasileiros se deve ao esforço dessas associações. No entanto, se, por um lado, conseguimos desenvolver rebanhos fortes e saudáveis, por outro lado temos uma pecuária relativamente frágil em termos políticos e econômicos. Nossa proposta, então, é fortalecer a pecuária como um todo, agregando as associações específicas das diversas raças, sejam as do segmento leiteiro sejam as de corte. Não tenho dúvida de que a pecuária necessita dessa união. A ABC, tanto em razão de sua longa trajetória como pela revitalização pela qual vem passando, mantém um ótimo relacionamento com todas as entidades. Por isso, acreditamos que teremos sucesso nesse trabalho.

Quais são as principais reivindicações dos criadores?
Eu não diria principais reivindicações, mas sim principais áreas ou situações cujas resoluções afetam a pecuária e, portanto, precisamos ficar atentos a elas e, de alguma maneira, apresentar nossas preocupações, sugestões e reivindicações. Veja, por exemplo, a luta travada pelo Brasil contra os enormes subsídios que os Estados Unidos e países da Europa concedem aos seus produtores rurais, dificultando e criando barreiras às exportações brasileiras. A disposição da União Européia para rever sua política de subsídios para a agricultura, comunicada na reunião da Organização Mundial do Comércio, ocorrida em Doha, no mês passado, é uma demonstração de que temos de ir à luta.

A carga fiscal brasileira...
É outro exemplo. Veja a reforma tributária, sempre prometida pelo Governo Federal e sempre adiada... Pleiteada por toda sociedade brasileira, ela é de fundamental interesse para a agropecuária em geral. Outros assuntos importantes, em cuja discussão devemos estar presentes: legislação e código de águas, reforma agrária, legislação ambiental e florestal, barreiras e burocracia que dificultam exportações, produtos transgênicos, etc.

No exterior, o Governo está fazendo um esforço de marketing para convencer os possíveis importadores das qualidades da carne brasileira. Como o sr. vê essa campanha? Quais as chances reais do Brasil aumentar suas exportações?
Em boa hora o Governo Federal, por meio do Ministério da Agricultura, Conselho Nacional de Pecuária de Corte e outras entidades, está lançando essa campanha no mercado externo. A divulgação da marca "Brazilian Beef" poderá ser um bom instrumento para essa campanha. Para este ano já se prevê um acréscimo de 20% nas exportações brasileiras de carne bovina, e para os próximos anos certamente esses números serão melhores. São grandes as perspectivas de aumento das exportações, face aos problemas ocorridos na Europa com a doença da "vaca louca" e a com a aftosa. No entanto, os nossos criadores devem ter consciência sobre as condições do mercado externo. A União Européia, por exemplo, vai exigir a identificação dos nossos animais, a partir do ano que vem – o que é uma medida salutar, pois resultará em melhoria do nosso rebanho.
(Veja matéria na página 8)

Mas se a carne está vivendo um momento de boas perspectivas, com o leite ocorre o contrário. Por quê?
A edição de março de 1944 da Revista do Criadores, que era editada pela ABC, contém um texto enfocando a difícil situação do leite. O texto, com mais de 57 anos, aponta os mesmos problemas vividos hoje. Ou seja, mesmo tendo ocorrido uma substantiva melhoria na qualidade do leite, os produtores continuam sendo submetidos a uma situação quase de penúria. O que fazer? Na medida em que o leite é um alimento fundamental para a população, me parece que a única solução é a união dos produtores, para que, dessa união, o setor possa definir estratégias técnicas, visando a produção de qualidade e a comercialização vantajosa, e políticas, visando o fortalecimento da pecuária leiteira junto ao governo e à sociedade.

1926... NASCE A ABC

SP efervesce; a pecuária se organiza

ABC surge quando São Paulo anunciava seu progresso e exigia presença da pecuária.

O ano de 1925 havia sido animado para a pecuária paulista. Realizara-se em São Paulo, com inauguração no dia 3 de outubro, a Exposição de Laticínios, oportunidade em que os paulistanos puderam presenciar o processamento dos derivados do leite. Era uma demonstração de que a pecuária leiteira contribuía para o dinamismo que havia contagiado o Estado de São Paulo.

A capital, especialmente, vivia um momento de efervescência. As iniciativas culturais, como resultado da Semana de Arte Moderna de 1922, se expandiam para todos os segmentos da sociedade; as idéias encontravam eco nos novos jornais; a cafeicultura, principal item da economia paulista, continuava forte; o setor industrial, até então agregado ao comercial na mesma entidade de classe, criara a sua própria associação – e os criadores de gado não podiam ficar atrás.

No decorrer de 1926, a idéia de se instituir uma entidade entre os pecuaristas cresceu e prosperou. No dia 20 de dezembro nasceu a Federação Paulista de Criadores de Bovinos (FPCB), em assembléia realizada na sede da Liga Agrícola Brasileira. Em 1951, por exigência da legislação, sua denominação foi alterada para Associação Paulista de Criadores de Bovinos. Em 1973, por iniciativa de seus dirigentes, passou a se chamar Associação Brasileira de Criadores.

Independente do nome, porém, é certo que a contribuição da entidade para a evolução da pecuária nacional foi das mais importantes. Quando da criação da FPCB, apesar de já existir em São Paulo quatro indústrias de laticínios, a maior parte do leite distribuído na cidade não era pasteurizada e não havia praticamente nenhum controle dos rebanhos e da produção. A pecuária de corte, por sua vez, não constituía um negócio – era tocada por fazendeiros, como uma atividade secundariamente agregada à produção agrícola.

Para que o Brasil chegasse a ter o maior rebanho comercial do mundo, com 167 milhões de cabeças, tornando-se exportador de carne e produtor de 21 bilhões de litros anuais de leite, muito trabalho foi feito – boa parte dele de forma pioneira pelos dirigentes e técnicos da ABC.

Publicação da FPCD, de 1927, incentivando a criação do Conselho do Leite

REGISTRO GENEALÓGICO

Dando nome – e qualidade – aos bois

A primeira contribuição expressiva da ABC para a pecuária nacional foi a organização e implantação do Serviço de Registro Genealógico (SRG) das raças bovinas criadas no Brasil. Executado em convênio com o Ministério da Agricultura, o Serviço foi implantado em março de 1927, seguindo o regulamento preparado pela comissão constituída por Virgílio Penna (um dos fundadores da Federação Paulista de Criadores de Bovino - *foto acima*), Arnaldo de Camargo e Antônio Augusto Brandão.

O registro era organizado por raças, e para cada uma foram criados quatro livros: livro de preferentes, livro de reprodutores importados, livro de reprodutores puro sangue nascidos no Brasil, livro de reprodutores de alta mestiçagem. Eram anotados as características do animal, seus ascendentes e grau de pureza.

O registro genealógico, porém, ia além de uma simples certidão de nascimento. Permitia aos técnicos responsáveis a elaboração de relatórios sobre as condições dos rebanhos e a apresentação de sugestões aos criadores.

Já em 1929, no primeiro relatório sobre o SRG, a comissão de técnicos que visitara os rebanhos para registro e marcação dos animais indicava a necessidade de diversificação das pastagens e a plantação de forragens para corte, bem como explicava sobre silos e silagem. Sugeria o abate de vacas com reduzida produção de leite ou raquíticas, estimulava o emprego de reprodutores de puro sangue e explicava a importância da veterinária. Ressaltava ainda a necessidade do treinamento da mão-de-obra envolvida no manejo dos rebanhos.

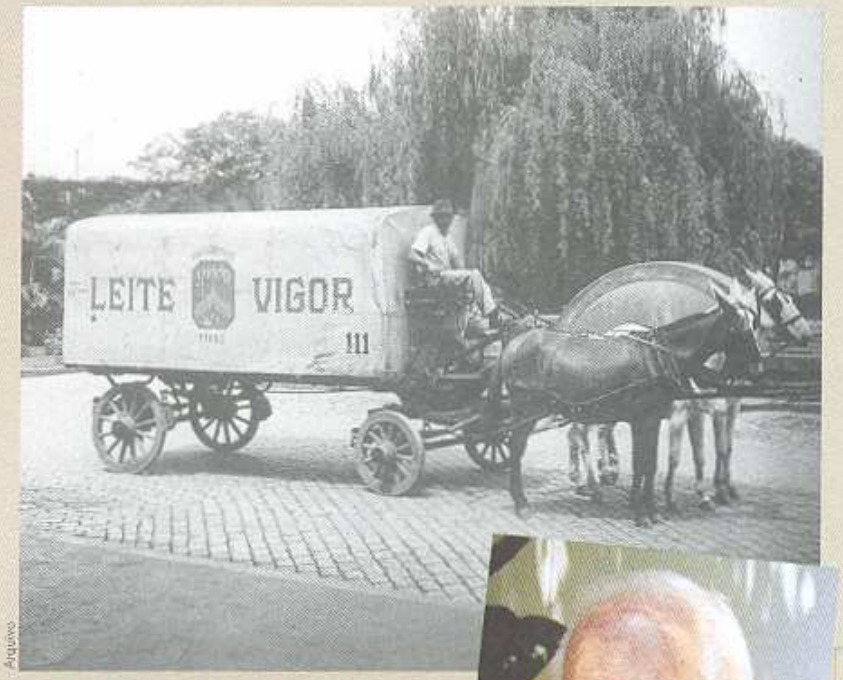
Nessa época, existiam em São Paulo 38 rebanhos, 29 deles compostos por animais da raça Holandesa. Os demais eram das raças Schwys (4 rebanhos), Jersey (2), Dinamarquesa (2) e Holstein Americana (1).

Aprovado pelos criadores, o SRG foi executado pela ABC por várias décadas, sendo depois assumido pelas associações das respectivas raças.

Pioneirismo ajudou aumentar produção

Quanto uma determinada vaca produz de leite? Qual o teor de gordura? Qual produtor possui animais com maior capacidade de lactação? Encontrar a resposta a essas perguntas, nos dias de hoje, não constitui grande problema – mas nem sempre foi assim. A coleta de informações sistematizadas sobre a produção leiteira, por animal, começou em 1945, por ação da ABC.

"Em 1943, o doutor Arnaldo Camargo, diretor-gerente da ABC, me chamou para conversar. Era necessário fazer alguma coisa para levantar a pecuária leiteira, e ele achava que uma maneira seria o controle leiteiro", lembra o médico veterinário Fidelis Alves Neto, então responsável pelo Departamento de Produção Animal da Secretaria da Agricultura e freqüente colaborador da Revista dos Criadores. "Fiz estudos, que resultaram num plano de trabalho, mas, naquele momento, a Associação não tinha recursos para bancar o serviço de controle leiteiro. Transformei esses estudos em uma tese, que, apresentada num congresso de veterinária, fez muito sucesso, inclusive junto ao Ministério da Agricultura. Isso estimulou a diretoria da ABC a implantar o Serviço de Controle Leiteiro (SCL), em 1945", relata.



Arquivo

José Roberto Ferreira

Entrega de leite em domicílio, em 1940, na cidade de São Paulo. Dr. Fidelis *(ao lado)* responsável pelo Serviço de Controle Leiteiro.

O SCL consistia na ida de um técnico – o 'controlador', como passou a ser chamado – ao curral das fazendas inscritas no Serviço; ele pesava o leite extraído de cada vaca, nas duas ordenhas diárias, e media a taxa de gordura. Essas informações eram anotadas em um relatório, por meio do qual, ao longo do tempo, se sabia a capacidade de lactação/gordura de cada animal.

A prática do Controle Leiteiro era relativamente simples; sua implantação, porém, foi recoberta de dificuldades. "Não existia balança adequada para o tipo de serviço", relembra o dr. Fidelis. "Fui então à fábrica da Filizola, onde trabalhava um engenheiro amigo e desenvolvemos uma balança especial, tipo romana, que permitia a pesagem do leite e que cabia na mala do inspetor".

Outra dificuldade inicial eram as condições para a medição da gordura. Inicialmente, os controladores levavam o leite da fazenda até a usina de laticínios mais próxima, onde faziam a medição. Essa prática, no entanto, era muito trabalhosa. "Adotamos, então, outro sistema: pedimos aos produtores que comprassem uma centrífuga e o ácido sulfúrico, e os controladores levavam os outros equipamentos", conta o dr. Fidelis.

Os controladores, que tinham de ser treinados para a tarefa, se tornaram verdadeiros viajantes a serviço da iniciativa que viria resultar na melhoria dos rebanhos leiteiros de diversos estados brasileiros. "Eles iam de fazenda em fazenda", lembra o dr. Fidelis, que era o responsável por todo o sistema.

O SCL começou com cinco rebanhos, em 1945, e chegou a 260, em 1988, abrangendo os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Paraná.

Os dados do SCL naturalmente indicavam aos produtores os animais de seu rebanho com melhor performance na lactação e permitiam também se saber o valor real do rebanho. Mas as vantagens do Serviço não paravam aí. Os relatórios do SCL, vaca por vaca, eram mensalmente publicados na Revista dos Criadores, preenchendo entre 20 e 25 páginas de cada edição. Com essa publicidade, todo o setor leiteiro tinha acesso às informações, o que ajudou a estimular o mercado e a valorizar as vacas mais produtivas tanto pela capacidade de lactação como pelo seu patrimônio genético com vistas à reprodução.

O primeiro estudo sobre os resultados do Serviço de Controle Leiteiro foi feito já em 1945. A lactação média dos rebanhos era de 700 kg/vaca/ano, a metade da média – 1.421 kg/vaca/ano – verificada no ano 2000. Parte expressiva desse aumento de se deve ao trabalho pioneiro da ABC iniciado em 1945.

CONTROLE PONDERAL

O fiel da balança

Apesar de sua maior dedicação ao setor leiteiro, a ABC exerceu iniciativas com benefícios exclusivos para a pecuária de corte. Uma delas foi a implantação do Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal (SCDP), para medição do ganho de peso dos animais.

Implantado em 1967, o SCDP consistia na visita de técnicos da Associação aos rebanhos inscritos para pesagem dos animais no nascimento e nas idades de 205, 365, 550 e 730 dias.

Com base nos dados colhidos, os criadores puderam conhecer o comportamento de seus animais, avaliar os processos utilizados para a engorda, divulgar dados sobre ganho de peso em seu rebanho, verificar a capacidade de transferência genética dos reprodutores utilizados e proceder à seleção de novos reprodutores.

SERVIÇOS

Um balde de iniciativas

Em sua trajetória, a ABC tomou uma série de iniciativas, muitas, pioneiras, para promover melhorias na pecuária paulista e brasileira. Além da implantação dos serviços de Registro Genealógico, de Controle Leiteiro e Controle de Desenvolvimento Ponderal, a ABC deu uma série de outras contribuições.

Uma deles foi a **Revista dos Criadores**, que circulou de 1930 a 2000. Em mais de 800 edições, publicou artigos técnicos e reportagens visando a orientação dos pecuaristas quanto a práticas mais adequadas no trato de suas criações, bem como matérias sobre eventos do setor. Sua retomada está sendo estudada. O **Departamento Comercial**, por meio de lojas em São Paulo, permitiu que os criadores adquirissem um sem-número de produtos – de sementes a máquinas agrícolas; de baldes a vacinas – em condições vantajosas de preço e prazo de pagamento. Da mesma forma, o **Departamento de Assistência Técnica**, contando com veterinários e agrônomos, resolvia todos os tipos de problemas apontados pelos pecuaristas.

Em 1954, a então APCB foi precursora em São Paulo na realização de **leilões** para a comercialização de gado de leite. Entre 1956 e 1961, a entidade tomou a iniciativa de promover **exposições-feiras** de bovinos de raças leiteiras e mistas, experiência que se expandiu, a partir de 1962, para as **exposições nacionais de animais**, realizadas até 1974.

A **Campanha Educativa do Leite**, em 1969, foi idealizada pela ABC e realizada em conjunto com outras entidades. No mesmo ano, a Associação, por meio de convênio com o Ministério da Agricultura, assumiu a execução do programa de fomento à **inseminação artificial** em São Paulo e estados limítrofes.

Homenagem a ex-presidentes

Dos 20 ex-presidentes da ABC, quinze já faleceram. Os outros cinco serão homenageados na solenidade de 3 de dezembro: José Bonifácio Coutinho Nogueira, Manoel Elpídio Pereira de Queiroz Filho, Joaquim Barros Alcântara Filho, Guilherme Monteiro Junqueira e José Cassiano Gomes dos Reis Júnior.

José Bonifácio Coutinho Nogueira (foto), presidente da entidade de 1957 a 1959, orgulha-se de sua gestão: "devo orgulhar-me da compra do imóvel da rua Joguanibe, com recursos obtidos na Caixa Econômica por decisão do então Secretário da Fazenda, professor Carvalho Pinto", diz

Joaquim Barros Alcântara Filho, responsável pela entidade de 1980 a 1986, e de 1989 a 1992, revela que "a Associação faz parte da minha vida; lutei muito para que a ABC conseguisse construir sua atual sede". Para Manoel Elpídio Pereira de Queiroz Filho, a dificuldade financeira e o cenário político foram os maiores desafios enfrentados pela entidade durante a sua gestão, de 1986 a 1989. Segundo ele, apesar das dificuldades, a ABC sempre caminhou com um único propósito: "defender os interesses e direitos dos associados".

Em seis anos de gestão, de 1992 a 1998, Guilherme Monteiro Junqueira resume as atividades mais importantes: "procuramos ajustar os desequilíbrios administrativos e financeiros, congregar instituições para o desenvolvimento de programas técnicos e buscar a união da nossa classe".

José Cassiano Gomes dos Reis Junior, que presidiu a associação de 1998 a 2001, conta que a sua gestão também foi marcada pela recuperação financeira da entidade.

No noite de 3 de dezembro, serão homenageados também o médico veterinário Fidelis Alves Neto e o engenheiro agrônomo Alberto Alves Santiago, pelos serviços prestados à ABC e à pecuária.

Diretor visita CIV em Paris

Vice-presidente da ABC foi conhecer sistema francês de valorização da carne bovina

O engenheiro agrônomo Ney Soares Piegas, um dos vice-presidentes da ABC, visitou em 30 de outubro último o Centre d'Information des Viandes – CIV (Centro de Informação da Carne), em Paris. Em viagem de férias, Ney Piegas quis aproveitar sua estada na capital francesa para colher subsídios que possam ajudar nas ações do Centro de Informação da Carne, instituição que vem sendo criada por iniciativa conjunta do Fundepec e entidades da pecuária de corte.

"Fui recebido de forma muito cordial pela diretora adjunta do CIV, Valérie Mestre-Carlier", relata Ney Piegas. "Ela me informou como os agentes da cadeia produtiva de carne e o governo estão organizados para transmitir informações aos franceses sobre as carnes vermelhas e estimular seu consumo".

São três os organismos que participam da estrutura de promoção do consumo das carnes de boi, vitela e cordeiro. Um é a Associação Interprofissional do Gado e das Carnes Bovina e Ovina (Interbev), que reúne produtores, cooperativas, comerciantes de gado, atacadistas, frigoríficos, industriais e varejistas. Outro é o Escritório Francês Interprofissional de Carnes, Pecuária e Avicultura (Ofival), composto por representantes dos ministérios da Agricultura e das Finanças, que define as políticas para o setor. O terceiro é o Centro de Informação da Carne (CIV), que cuida da comunicação, publicidade, informação, estudos, projetos e documentação.

Também participam a Federação Nacional Bovina, o Instituto de Criadores de Gado e a Sociedade para Expanção das Vendas de Produtos Agrícolas, além de outras.

"O orçamento do programa é coordenado pela Interbev", informa Ney Piegas. "Os recursos provém dos agentes da cadeia: dos produtores, conforme se dá o abate dos animais; dos frigoríficos, na distribuição; e dos comerciantes, na venda aos consumidores". Do total apurado, o governo francês contribui com cinco por cento.

O CIV faz publicações para promover as carnes vermelhas

Atualmente as três entidades estão trabalhando intensamente, em razão da queda no consumo de carne bovina. Nos últimos doze meses, um milhão de domicílios franceses deixaram de consumir o produto por causa da doença da "vaca louca", reduzindo o consumo *per capita* de 65kg para 62kg.

Aprovadas representações regionais

A diretoria da ABC aprovou o início da implantação de representações regionais da entidade, a serem ocupadas por associados. Com isso, se pretende a ampliação o quadro associativo, a prestação de serviços em nível regional e a realização, nas cidades, de palestras de interesse da atividade pecuária.

A primeira representação regional já está definida.

O engenheiro agrônomo João Pinheiro da Silveira Filho vai responder pela ABC em Brasília (fone: 0XX61 327-9328). "Os nossos sócios que precisarem de alguma ajuda na Capiral Federal, para assuntos relacionados a sua atividade como criador, podem recorrer ao nosso representante", informa o presidente Luis Alberto Moreira Ferreira.

Hereford e Braford na ABC

A partir deste mês, a Associação Brasileira de Hereford e Braford, sediada no Rio Grande do Sul, terá um escritório de representação em São Paulo. A presidente da entidade, Greice Martins (foto), fechou uma parceria com a Associação Brasileira de Criadores, para utilizar as instalações da ABC, no Vila Leopoldina.

Regina Agnelli

Atividades da diretoria

✓ **26/10** – Recebeu a visita de Carlos Batesti, diretor da Editora Segmento.

✓ **30/10** – Por meio do vice-presidente Rubens Malta Campos, se fez representada no lançamento da campanha de combate à febre aftosa, na Secretaria da Agricultura.

✓ **07/11** – O presidente Luis Alberto Moreira Ferreira participou da reunião do Fórum Nacional da Pecuária de Corte, em Brasília. Na oportunidade foram discutidos assuntos relativos à rastreabilidade *(veja matéria na pág. 8)*.

✓ **09/11** – Recebeu a visita de Greice Martins, presidente da Associação Brasileira de Hereford e Braford *(veja texto ao lado)*.

✓ **12/11** – Recebeu a visita de Paulo Monteiro da Silva, da Associação Brasileira de Búfalos.

✓ **20/11** – Seminário promovido pelo Conselho Nacional da Pecuária de Corte, em São Paulo, teve a participação do presidente da ABC.

Rastrear para exportar

Entidades da pecuária e Governo definem sistema de identificação do gado de corte

A decisão da União Européia (UE) em importar, a partir de primeiro de janeiro de 2002, apenas carnes de bois identificados mexeu com os criadores brasileiros. Em reunião do Fórum Nacional Permanente da Pecuária de Corte, realizada no último dia sete de novembro, em Brasília, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e diversas entidades decidiram apressar o rastreamento bovino para atender à exigência dos países europeus. Em razão dos trâmites naturais para implantação da identificação, o prazo deverá ser estendido até o fim do primeiro semestre do próximo ano.

Durante a reunião, um grupo de trabalho praticamente definiu o documento que estabelece o programa de rastreabilidade no Brasil. Nomeado Sistema Nacional de Identificação e Registro de Bovinos, o serviço, que ficará sob a coordenação e supervisão do Ministério, possibilitará um histórico de toda a carne que chega à mesa do consumidor.

Para efetuar os cadastros, serão escolhidas entidades voluntárias, que atendam requisitos pré-definidos pelo MAPA. Essas entidades deverão manter sistema próprio de fiscalização, que contenha informações dos animais, como propriedade de origem, mês de nascimento ou data de entrada na propriedade, sexo, sistemas de criação e alimentação, registro das movimentações e vacinações, para enviá-las a um banco de dados nacional do Ministério. Em caso de morte do gado, a identidade retorna para a certificadora.

Miguel Angelo

O presidente da ABC, Luis Alberto Moreira Ferreira *(no centro da foto)* na reunião para definir a rastreabilidadde

Os métodos para a identificação do animal serão de livre escolha. Se antigamente, uma simples marca a ferro bastava para distinguir o animal, hoje, os criadores recorrem a meios mais modernos, como microchips e brincos. De acordo com as decisões do Fórum, o importante é que o modelo escolhido seja capaz de fornecer todas as informações necessárias.

Qualquer movimentação de animais nas propriedades cadastradas deve ser informada à entidade certificadora, uma vez que o Guia de Transporte de Animais (GTA) não será emitido sem a sua autorização.

As organizações interessadas em participar do sistema como certificadoras devem apresentar ao órgão competente do MAPA um projeto de implantação e controles operacionais para homologação e credenciamento. O Ministério definirá regulamentação específica para aprovação.

O presidente da Associação Brasileira de Criadores (ABC), Luis Alberto Moreira Ferreira, esteve presente na reunião que discutiu o futuro do rastreamento no Brasil: "O programa definido é muito interessante, pois contempla adequadamente todo o processo de vida do animal. A alimentação do gado, por exemplo, que é o foco de maior preocupação dos europeus, em razão do mal da vaca louca, deverá ser objeto de informação detalhada".

Vale ressaltar que a rastreabilidade não é obrigatória. "Está claro, no entanto, que carne de animal sem a identificação não poderá ser exportada para a Europa – ou seja, terá restrição de mercado", observa o presidente da ABC.

As propriedades podem começar o cadastro de seus animais a partir do dia dois de janeiro do próximo ano.

Jornal dos CRIADORES

Av. José César de Oliveira, 181 - 11º andar
Vila Leopoldina - CEP 05317-000 - São Paulo-SP
Fone: (11) 3832.9369
Fax: (11) 3831.2731
e-mail: abc@abccriadores.com.br
www.abccriadores.com.br

IMPRESSO